



# APRESENTAÇÃO

Este trabalho consiste na análise histórica, arquitetônica e urbanística do Mercado da Aerolândia e do seu entorno imediato. Trata-se do estudo sistemático de sua configuração espacial, levando em conta também a sua relevância histórica no âmbito do contexto urbano fortalezense.

Realizado por equipe técnica conformada por profissionais e estudantes das áreas de Arquitetura e Urbanismo e História e viabilizado por um termo de cooperação técnica estabelecido entre a FUNCET – Prefeitura Municipal de Fortaleza, a 4ª SR / IPHAN e a Universidade Federal do Ceará, o trabalho tem por objetivo a sistematização de um conjunto de informações técnicas sobre o bem imóvel supracitado que venha a subsidiar o seu tombamento municipal, assim como a proposição das poligonais de preservação rigorosa e de entorno e, em linhas gerais, uma proposta de requalificação espacial da área.

## **SINOPSE HISTÓRICA**

O Mercado da Aerolândia, localizado na BR-116, nº 5431, bairro da Aerolândia, foi implantado neste local no dia 12 de julho de 1938. Sua estrutura é em ferro fundido, remanescente de uma das partes do Mercado de Ferro construído em fevereiro de 1896 e inaugurado a 18 de abril de 1897, na área central de Fortaleza, melhor dizendo, na antiga Praça Carolina, que depois passou a se chamar Praça José de Alencar e, posteriormente, Praça Waldemar Falcão, a qual abriga ainda alguns edifícios de interesse cultural, tais como o Palácio do Comércio, a agência do Banco do Brasil e a sede dos Correios e Telégrafos. O Mercado de Ferro foi desmembrado em 1938 devido ao destaque que tivera o Mercado Central, a partir de 1932, e ao decreto nº 52 de 19 de dezembro de 1937 da Câmara Municipal, na gestão do Dr. Raimundo de Alencar Araripe, que autorizou o desmonte.

Os múltiplos dados que indiciam a identificação acerca do Mercado da Aerolândia, referidos acima, são um convite à historicidade. E tal empreitada significa mais que inseri-lo num contexto, no final do século XIX, segunda metade do século XX e/ou no período mais recente, em que se registra o afloramento de potencialidades sociais, comerciais, funcionais, urbanas e associações entre o poder público e privado.

Faz-se pertinente, portanto, percebermos o movimento dos tempos, dos grupos sociais, das forças que atuaram em cada uma dessas épocas históricas e compreender a contemporaneidade da ação patrimonial, elaborando, para tanto, uma interpretação através da plasticidade expressa nas características da construção física do Mercado de Ferro, ou seja, no uso inaugural do ferro em nossa cidade como elemento de edificação, estética, sociabilidade, disciplinamento e mobilidade, visto que, desse artefato foram produzidos outros dois: os mercados da Aerolândia e dos Pinhões.

Remeteremos aos termos constitutivos do Mercado de Ferro, Mercado da Carne ou Mercado Público de Fortaleza, como também era conhecido, para daí traçarmos um perfil do Mercado da Aerolândia, os laços de pertencimento e as fronteiras sócio-culturais herdadas.

Desse modo, o Mercado de Ferro, obra erguida na administração do intendente (prefeito) Guilherme César da Rocha e do presidente (governador) comendador Antônio Pinto Nogueira Accioly, entre 1896-1897, realizada com dinheiro conseguido através de bilhetes de crédito conhecidos como “borós”, utilizou o ferro pela primeira vez, não só como instrumento de suporte, mas, como bela ornamentação fabricada na França, nas oficinas de Guillot Pelletier, em Orleans, planejada pelo engenheiro arquiteto Lefèvre, seguindo uma prática em voga na Europa. Simbolizou a tentativa de consolidar os preceitos da modernidade, salubridade e progresso em Fortaleza, no final do século XIX e no início do século XX, junto a outras normas impostas às demais edificações,

logradouros e praças existentes, como por exemplo, ao Passeio Público e à Santa Casa de Misericórdia<sup>1</sup>.

Segundo artigo do jornal *A República*, o Mercado de Ferro, recém inaugurado, tornar-se-ia um marco na história da cidade de Fortaleza:

*“(...) Nada há mais difícil do que idealizar-se monumentos públicos e executá-los em todos os seus detalhes; alliar o útil ao agradável a solidez com a economia a belleza architectural com as regras que nos ensina a hygiene pública, a comodidade com perfeita harmonia em todas as suas formas.(...) Situado em uma das mais bellas praças da Fortaleza é esta obra a mais bem acabada dentre todos os edifícios quer públicos quer particulares desta cidade e em seu genero nenhum na A. do Sul e bem raros na Europa e nos Estados Unidos da A. Norte lhe levão a palma.”*

O texto traz ainda informações detalhadas sobre a funcionalidade do novo Mercado:

*“(...) Esta elle dividido em três grandes secções, uma das quaes a central, com largura de cinco metros sobre quarenta de comprimento serve de Avenida ou entrada geral e duas outras secções iguaes, cada uma medindo uma área equivalente a setecentos metros quadrados, onde estão assentes oito compartimentos de 13 metros de comprimentos sobre quatro de largura cada um, destinado ao comércio de carnes, peixes e miúdos, ficando todos elles separados entre si por grandes e espaçosas vias. (...) É todo o mercado construído de ferro, tendo a cobertura de zinco apoiada sobre quarenta e oito collunas internas, 32 das quaes são de forma architectonica a mais bella possível, afora 14 colunatas externas”.*<sup>2</sup>

O uso do ferro, o enquadramento do espaço comercial e, ainda, as calçadas em granito cearense, além de encher a comunidade local de orgulho e deslumbramento, fomentaram um processo de aceitação desse tipo de empreendimento por parte da população que comercializava e/ou consumia vários gêneros alimentícios e especiarias vendidas nas ruas ou em locais não autorizados, sem o aval da fiscalização pública, escapando das leis provinciais:

*“Secção 3<sup>o</sup>. Do Matadouro. Art.48<sup>o</sup>- Só no matadouro será permitida matar rez para o consumo publico, dentro de certos limites marcados pela camara. O infractor incorrerá na multa de 5\$00 reis. (...) Art. 58<sup>o</sup>- Os condutores das carroças serão obrigados a usar de vestimenta encarnada, e dar aos vehiculos uma marcha lenta, que de modo algum prejudique a qualidade da carne; e a trazel-a sempre em estado de completa limpeza.(...) Secção 2<sup>o</sup>. Vendas de diversos Gêneros. Art. 66<sup>o</sup>- O leite, fructas, legumes, hortaliças, doces, ovos, fumo e capim serão vendidos nos lugares designados*

---

<sup>1</sup> AZEVEDO, Miguel Ângelo de (Nirez). *Cronologia Ilustrada de Fortaleza: roteiro para um turismo histórico e cultural*. Fortaleza: Casa José de Alencar/Programa Editorial; Banco do Nordeste, 2001, p.67, 68, 162 e 275.

<sup>2</sup> Jornal *A República* (1896-1912), Fortaleza-Ce, 19 de Abril de 1897.

*anualmente pela camara, por editais, que se farão publico com a precisa antecedencia.”*<sup>3</sup>

Assim, o Mercado de Ferro representa o resultado de um conjunto de ações civilizatórias ligadas ao controle social, a reformas urbanas, a “espetacularização das mercadorias”<sup>4</sup> e, conseqüentemente, a criação do desejo de consumo. Essas marcas, a princípio, foram repassadas, literal e concretamente, para as bases do Mercado da Aerolândia, que hoje se encontra em péssimo estado de conservação, sendo propriedade da Prefeitura de Fortaleza.

Mesmo assim, os poucos feirantes e clientes e moradores do bairro da Aerolândia e adjacências adotaram também um cotidiano de trabalho, disputa e negociação, que tem no combalido entreposto comercial o seu foco, em meio a ações de marginais e delinqüentes, o que reforça a necessidade de uma atuação patrimonial enquanto política de inclusão social e pautada na memória do tempo presente.

---

<sup>3</sup> Biblioteca Pública Gov. Menezes Pimentel (BPMP) - Setor de Obras Raras. *Leis Provinciais de Fortaleza, 1879.*

<sup>4</sup>HARDMANN, Francisco Foot. *Trem Fantasma: a Modernidade na selva.* São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

# **ANÁLISE DA ARQUITETURA E DA IMPLANTAÇÃO URBANA**

## O MOMENTO DO FERRO: ARQUITETURA ECLÉTICA E CONSTRUÇÃO METÁLICA

O atual Mercado da Aerolândia é um dos pavilhões componentes do antigo Mercado de Ferro de Fortaleza, exemplar destacado da arquitetura eclética e das primeiras construções metálicas levantadas no Brasil no final do século XIX.

Conforme CASTRO (1987, p. 211), “*o ecletismo arquitetônico, cujas origens se fixam num desejo de conciliação de velhos estilos com inovações tecnológicas, representa no Brasil uma forma concreta de demonstrar adesão ao progresso e ajustamento às chamadas civilizações européias de maior prestígio*”.

Analisando-se o contexto social, cultural e econômico de Fortaleza no período assinalado, vê-se que a influência do gosto francês na sociedade era tão significativo que alguns jovens criaram a Academia Francesa em 1872. As idéias de “*modernização*” haviam-se espalhado rapidamente entre as classes dirigentes e entre certos setores da intelectualidade, amparando um culto ao progresso, de corte positivista, destinado a colocar o Brasil no concerto das “*nações civilizadas*”. Dado o prestígio cultural francês, nada mais compreensível do que a adesão às novas propostas, todas procedentes de Paris, relativas à cidade e à arquitetura.

A valorização da cidade como vitrine da civilização, exigindo a modificação dos espaços urbanos, incentiva o surgimento de novas formas que permitissem o conforto ou que favorecessem a exibição das classes dirigentes. Seriam, portanto, fatos conseqüentes tanto a transposição dos costumes de uma Europa *belle époque* para os trópicos, como a importação e a incorporação da própria organização formal da arquitetura produzida à época, já de essência industrial.

A República recém-implantada é a grande força política que tinha como projeto substituir uma “*sociedade anacrônica*” por outra mais refinada, à qual deveria corresponder a modernização na aparência física do meio urbano.

Nessas circunstâncias, o ecletismo arquitetônico iria evidentemente encontrar aceitação ampla numa sociedade em franca mutação, na qual o capitalismo nacional começava a impor novas normas de ação, alterando as velhas relações com o mundo rural.

No Ceará, os anseios de renovação e de atualização seriam concretizados na medida do possível, por decorrência das visíveis limitações econômicas do Estado.

Obras como o edifício da Alfândega Nova (1891), com aparência pesada, toques de arquitetura vernacular britânica em pedra e construído com elementos metálicos; o quartel do Batalhão de Segurança (1893), ainda envolvido por reminiscências neogóticas; e a sede do Liceu do Ceará (1894), antecederam o Mercado de Ferro, construído em 1897. Para Guilherme Rocha, então Prefeito de

Fortaleza, o novo entreposto comercial era a “*prova documental de quanto merece o conceito universal de progresso*”.

O antigo Mercado da Carne, inaugurado em 18 de abril de 1897, era composto por dois pavilhões, com uma “*avenida*” coberta unindo-os. Situava-se na Praça Carolina, atual Praça Waldemar Falcão. Apresentava planta quadrada, tendo cada lado quarenta metros de comprimento e uma área de 1600m<sup>2</sup>. Era dividido em três grandes secções; a central, com largura de 5 metros, que servia de avenida ou entrada geral, e duas outras alas iguais, cada uma com uma área de 700m<sup>2</sup>, com oito compartimentos internos de 13 metros de comprimento e 4 de largura cada, que eram destinados ao comércio de carnes, peixes e miúdos, separados entre si por grandes e espaçosas vias. Esses compartimentos eram subdivididos em 8 cubículos cada um, sendo 74 o número de boxes. O mercado era todo em ferro fundido, com a sua cobertura apoiada sobre 48 colunas internas e 14 colunatas externas. O embasamento que circundava o edifício era formado por colunas de cantaria em mármore branco. O edifício tinha 8 entradas, 3 em cada uma das frentes e 2 nas laterais. Sua altura máxima era de 12 metros, tendo 6 pára-raios que o isolavam completamente. Possuía uma caixa d’água de 20 metros cúbicos do lado de fora do edifício. A estrutura e os adornos das fachadas (em sua maioria fitomórficos) eram em ferro fundido e os elementos de vedação em ferro laminado unidos e fixados, ora com parafusos, ora com rebites. Sua cor original era verde.

Em 1938 foi desmontado e teve um de seus pavilhões transferido para a Praça popularmente conhecida como dos Pinhões (oficialmente denominada Praça Visconde de Pelotas), onde permanece até os dias atuais. O outro pavilhão foi transferido para a Praça São Sebastião e, posteriormente, para o bairro da Aerolândia, às margens da BR-116, onde até hoje se encontra, em precaríssimo estado de conservação.

## IMPLANTAÇÃO DO MERCADO

O Mercado da Aerolândia, parte do antigo Mercado de Ferro de Fortaleza, situa-se às margens da BR-116, entre a travessa Capitão Vasconcelos e a rua Tenente Roma, com o seu eixo maior estabelecido na direção noroeste/sudeste.

Constitui-se em um valioso testemunho da portabilidade da arquitetura do ferro, por ter experimentado, em sua existência, várias desmontagens e montagens sucessivas.

Implanta-se no centro da quadra, antecedido por estacionamento de veículos e secundado por quadra poliesportiva. De formato retangular, apresenta 40 metros de comprimento, 18 metros de largura e uma área total de 720 m<sup>2</sup>. No espaço entre o mercado e a quadra poliesportiva, implantadas em cota rebaixada, registra-se a presença de árvores frondosas. À sua volta, existem exemplares

arquitetônicos que datam de período anterior à sua implantação, todos marcados pelos elementos da arquitetura vernacular.

O acesso ao mercado é dificultado pelo fato da rodovia à sua frente constituir-se em considerável barreira aos pedestres, não havendo alternativa de transposição.

O recuo com relação à rodovia garante ao mercado um enquadramento de sua fachada lateral; entretanto, as suas fachadas frontais, mais ricas em elementos decorativos, são desvalorizadas por estarem muito próximas aos quarteirões vizinhos, o que faz com que exista pouco ângulo para sua visualização, bem como pelo posicionamento inadequado da arborização.

## ENTORNO

O uso dos lotes no entorno do edifício é predominantemente residencial na rua Capitão Vasconcelos e na travessa Capitão Vasconcelos, havendo, porém, alguns pontos de comércio, sendo a maioria de edificações de apenas um pavimento, situadas ao longo da rua Tenente Roma.

Constata-se, no entorno, a presença de algumas edificações de interesse arquitetônico (arquitetura popular) e vários imóveis sem uso.

## **ANÁLISE DO ESTADO DE CONSERVAÇÃO DO IMÓVEL**

## PISO

O piso não conserva seu ladrilho original, apresentando, atualmente, uma pavimentação mista composta de mosaicos hexagonais em branco e preto, de colocação mais recente, e que se encontram, contudo, em péssimo estado de conservação. Há diversas áreas precariamente revestidas com cimentado. Essa pavimentação não apresenta qualquer valor estético e apenas contribui para a desvalorização do imóvel.

## ESTRUTURA

Toda a estrutura de ferro encontra-se em avançado estágio de deterioração devido à corrosão e à falta de ações de manutenção e conservação ao longo dos anos. Essa situação é agravada pela exposição constante à maresia proveniente da planície flúvio-marinha do rio Cocó, o que se constata pela corrosão mais intensa observada na fachada leste da edificação.

As colunas de ferro externas, que originalmente ficavam aparentes, encontram-se recobertas pelo pano de alvenaria que se eleva à altura dos capitéis, os quais permanecem expostos. As colunas internas mantêm-se inteiramente visíveis, deixando à mostra o péssimo estado de conservação em que se encontram.

Da estrutura de coberta original, apenas os pórticos e as longarinas ainda estão completos, embora visivelmente comprometidos dado o grave estado de corrosão. As terças originais foram substituídas por perfis metálicos de desenho contemporâneo; ainda assim, apresentam-se inadequadamente conservadas.

## FECHAMENTOS E ELEMENTOS DECORATIVOS

Os muros que contornam o edifício, com cinquenta centímetros de altura na composição original, atualmente elevam-se à altura dos capitéis dos pilares metálicos externos, funcionando, assim, como elementos de vedação face à inexistência dos elementos de vedação inferiores originais. Observa-se pichação por toda a superfície dos muros, tornando evidentes os atos de vandalismo a que o imóvel está sujeito.

Os mourões em pedra situados na base dos pilares encontram-se hoje ocultos nos maciços de vedação em alvenaria. Nestes, a marcação do ritmo dos pilares é feita através de revestimento com reboco pintado em branco contrastando com os tijolos cerâmicos da alvenaria nas fachadas leste e oeste.

As vedações inferiores, originalmente compostas por grades executadas em perfis de ferro fundido de secção circular e que circundavam todo o edifício, foram retirados e restam apenas os portões das quatro fachadas.

As vedações superiores laterais, formadas por duas linhas de vigas/vitrais compondo uma estrutura que fixava as venezianas de madeira, perderam-se com o tempo, tendo sido completamente substituídas por chapas de zinco.

Os frontões das fachadas norte e sul, bem como as rosáceas das fachadas leste e oeste, encontram-se gravemente danificados e igualmente recobertos com chapas de zinco, tendo a ferrugem destruído muitos dos seus elementos decorativos.

## INSTALAÇÕES

As instalações elétricas encontram-se em condições altamente inadequadas, observando-se a existência de fiação exposta e “*gambiarras*”, o que põe em risco a segurança dos usuários e a integridade física do imóvel. A situação de perigo é agravada pelas más condições da cobertura, pois esta não protege essas instalações do contato com as águas pluviais, aumentando, assim, o risco de choques elétricos.

As instalações hidro-sanitárias seguem o mesmo padrão precário das anteriores, concorrendo para a insalubridade do equipamento público.

Não foi registrada a ocorrência de instalações de incêndio e telefonia.

## COBERTA

A estrutura de sustentação da cobertura, como mencionado no item 4.2, não se mantém original, restando apenas as longarinas e os pórticos metálicos. As terças foram substituídas por perfis de desenho contemporâneo e as telhas metálicas por peças em fibro-cimento, as quais estão soltas ou quebradas em diversos pontos, ocasionando a existência de goteiras.

As calhas de água pluviais externas encontram-se destruídas – furadas em vários pontos, quebradas ou soltas – causando goteiras e contribuindo assim para a degradação do imóvel.

## USOS

O espaço do edifício encontra-se evidentemente subutilizado, pois há, no seu interior, cinquenta boxes, de construção tosca, dos quais apenas onze têm utilização. Além disso, a desorganização interna, resultante da falta ou do descumprimento de normas de utilização dos boxes por parte dos usuários, contribui para o mau uso desse espaço. Não há registro, como no Mercado dos Pinhões, dos boxes originais em estrutura metálica.

As atividades ali realizadas aparentemente não apresentam grande relevância para a economia local. A atividade de maior importância que se dá na área do imóvel é a feira semanal, realizadas às quintas-feiras, na área do estacionamento.

Pelo estado de abandono em que se encontra, o edifício tornou-se foco da ação de marginais, constituindo-se num ponto de venda e consumo de drogas e, por essa razão, sendo evitado como local de passagem e permanência por parte da comunidade.

Observa-se a existência de uma quadra esportiva pública por trás do mercado, cuja utilização é limitada pela ausência de cobertura, o que impede seu uso nos horários mais quentes do dia.

## **RECOMENDAÇÕES**

Segundo se estabelece na Carta de Burra (ICOMOS - 1980), as ações de conservação de um monumento histórico compreendem os cuidados a serem dispensados a um bem para preservar-lhe as características que apresentem uma significação cultural e se baseiam no respeito ao conjunto de materiais que fisicamente o constituem, podendo demandar medidas de manutenção ou restauração.

Diante do avançado estado de degradação em que se encontra o edifício, e tendo em vista as orientações dispostas nesse documento, recomenda-se um extenso trabalho de restauração, centrado principalmente em serviços de metalurgia, a fim de proporcionar ao bem a valorização do seu significado cultural.

A restauração deverá respeitar o conjunto de testemunhos disponíveis – materiais originais e documentos autênticos, tais como iconografia e referência bibliográfica. Além disso, deve-se considerar o testemunho representado pelo pavilhão do Mercado dos Pinhões, a segunda das duas partes resultantes do desmembramento do Mercado de Ferro em 1938, por conservar muitas das características arquitetônicas e decorativas originais.

Observa-se que, atualmente, há uma subutilização do espaço do mercado, o que é comprovado pela desproporção entre o número de boxes existentes e o número de boxes ocupados, além de sua disposição desordenada e não disciplinada. Os boxes e todos os elementos internos constituem-se em acréscimos recentes e sua significação cultural é de pouca importância em relação à estrutura original, de modo que sua existência apenas implica em prejuízos ao valor histórico e estético do edifício. Portanto, faz-se necessária a revisão da organização interna do pavilhão, removendo os elementos de pouco interesse e determinando um uso compatível com o partido arquitetônico e a capacidade de abrigo do imóvel.

A proximidade com algumas escolas municipais e a carência de equipamentos culturais e de lazer na região em que se situa o edifício são aspectos que podem orientar a determinação dos novos usos. Assim, o espaço interno poderá vir a abrigar equipamentos de complementação das atividades escolares, tais como uma biblioteca ou um centro cultural.

A quadra esportiva existente ao lado do pavilhão deverá ser integrada à novas funções desenvolvidas no edifício, podendo também servir de equipamento complementar às atividades escolares.

Dever-se-á estabelecer legalmente uma zona de amortecimento no entorno imediato, com definição específica de gabarito, uso e ocupação, a qual servirá de moldura ao edifício do mercado. Para isso, recomenda-se igualmente a valorização da ambiência do imóvel através da criação de uma área de convivência que sirva de transição entre a quadra e o pavilhão; o estímulo à reforma e à manutenção das fachadas das casas próximas; e a utilização das edificações atualmente desocupadas para atividades complementares ao uso do

pavilhão, ou mesmo para a instalação dos comerciantes que hoje trabalham no mercado.

Recomenda-se preservar o conjunto de residências em arquitetura popular situado ao sul do edifício, cujas fachadas conservam características originais, sendo de grande interesse por se constituírem em testemunho histórico do local e em elementos da moldura da edificação principal.

Por fim, faz-se necessário promover a integração do edifício com a via principal (BR -116), para que se permita uma melhor acessibilidade aos pedestres.

**JUSTIFICATIVA DO TOMBAMENTO  
MUNICIPAL PARA O IMÓVEL**

As motivações que levam à proposta de tombamento para o imóvel dizem respeito a valores históricos, arquitetônicos, culturais e simbólicos que o mesmo detém no âmbito da cidade de Fortaleza.

O Mercado de Ferro foi edificado inicialmente na Praça Carolina – atualmente chamada de Praça Waldemar Falcão – no bairro Centro, e inaugurado em abril de 1897. Em 1938 foi desmontado e teve um de seus pavilhões transferido para a Praça São Sebastião e, posteriormente, para o bairro da Aerolândia, às margens da BR-116. O outro pavilhão foi transferido para a Praça popularmente conhecida como dos Pinhões (oficialmente denominada Praça Visconde de Pelotas), onde permanece até os dias atuais.

O valor histórico se encontra no fato deste imóvel, quando íntegro, ter demarcado o início do processo de desenvolvimento da construção metálica em nossa cidade e no nosso Estado, no final do século XIX. No dizer de GOMES (1988, p.171), *“mais um exemplar de mercado aberto, constitui-se também em um valioso testemunho da portabilidade da arquitetura do ferro. Originalmente montado em frente ao edifício da Assembléia, seguia o partido adotado no Mercado de São José do Recife, ou seja, dois pavilhões iguais, paralelos, ligados entre si, longitudinalmente, por uma rua coberta, mais estreita”*. Mais esclarecedor ainda, CASTRO (1987, p. 218) afirma: *“o mercado, constituído por dois pavilhões ligados por uma “avenida coberta”, fora resolvido com uma elegante estrutura metálica. Fabricado na França por Guillot Pelletier, de Orleans, de acordo com o projeto do arquiteto Lefèvre, era exageradamente tido na cidade como ‘o mais bello e talvez o mais confortável da América do Sul”*.

Nessa época, o florescimento da ciência e da tecnologia gerado pela revolução industrial levou à modernização de determinados setores das cidades brasileiras, dando início ao período conhecido por *Belle Epoque*. Essa modernização, de corte positivista, se expressava, em muitas ocasiões, através da importação de novas tecnologias da Europa, dentre as quais as estruturas metálicas pré-fabricadas. Remonta a esse período, por exemplo, o Teatro José de Alencar, de inquestionável valor histórico e estético. Contudo, foi o Mercado de Ferro a primeira obra pública da cidade a adotar esse sistema construtivo. Sua estrutura metálica, que foi inteiramente pré-fabricada em ferro fundido, trouxe significativas inovações estéticas e simbolizou um grande marco do desenvolvimento social, econômico, político e urbano de Fortaleza à época. Como testemunho, CASTRO (1987, p.218) informa que *“ o último quartel do século XIX constituiu, por certo, o período mais rico do passado fortalezense, principalmente em termos de solidariedade social e de efervescência intelectual”*.

Além disso, a implantação do mercado na cidade fazia parte do contexto de difusão da arquitetura de ferro em todo o mundo, quando os fabricantes europeus não a adotavam apenas em edifícios públicos na própria Europa, mas também em construções nas suas colônias da África, Índia e ilhas do Caribe e em países como o Brasil. Nesse momento, foram também construídos vários outros mercados em nosso país, como aqueles ainda existentes nos estados de Pernambuco, Rio

Grande do Sul, São Paulo, Rio de Janeiro, Pará e Amazonas, dentre os quais apenas o Mercado de São José de Recife e o Mercado de Ferro, em Fortaleza, são de fabricação francesa, sendo os demais de origem inglesa.

O valor arquitetônico do imóvel decorre da sua relevância face aos contextos nacional e internacional, além da dimensão estética resultante da aplicação da nova tecnologia para resolução do novo programa. O sistema construtivo inovador proporcionava a soma das possibilidades da arquitetura em ferro aos valores do ecletismo então dominantes, muito devido à facilidade de criação de ornamentos com ferro fundido, possibilitando posteriormente o amplo desenvolvimento do *Art-Nouveau*. Segundo CAPELO FILHO (2003, p.16), “o edifício era composto de dois pavilhões unidos lateralmente por uma passagem coberta chamada ‘avenida’, com a estrutura e os adornos das fachadas em ferro fundido e com elementos de vedação (...) em ferro laminado (...), compondo um conjunto representativo da mais fina serrilharia”.

Na ocasião do desmembramento do Mercado de Ferro, o pavilhão levado para o bairro da Aerolândia determinou o desenvolvimento da paisagem urbana local. Com o passar dos anos, adquiriu significados culturais, simbólicos e afetivos, todos motivadores do tombamento municipal do imóvel. Uma vez que há muito se tornou um verdadeiro marco do bairro onde está instalado, verdadeiro partícipe e definidor do contexto urbano à sua volta, impõe respeito à sua arquitetura adquirindo forte visibilidade, predicados estes que estão acima de meras considerações técnicas e que referendam vivamente a sua proteção pelo Município.

Asseveramos, ainda, a urgência de providências por parte do Município no sentido da restauração do imóvel, hoje em péssimo estado de conservação e subutilizado, bem como da definição e fortalecimento do uso a ser desenvolvido no seu interior e na sua vizinhança imediata, para que seja revertida a sua atual condição de local freqüentado por marginais.

## **DEFINIÇÃO DA ÁREA DE ENTORNO DO BEM TOMBADO**

A poligonal de entorno do Mercado da Aerolândia inicia-se no ponto **A**, definido pelo cruzamento do muro divisório leste da Base Aérea de Fortaleza com linha imaginária traçada no eixo de rua sem denominação oficial, existente no interior da quadra definida pelas ruas Capitão Uruguai (norte), Capitão Vasconcelos (leste) e Tenente Roma (sul) e a rodovia BR-116. Por esta linha imaginária segue a leste até o ponto **B**, definido pelo cruzamento desta com o limite leste de vila residencial implantada no cruzamento das vias Capitão Vasconcelos e Tenente Roma. Por este limite segue a sul até o ponto **C**, definido pelo cruzamento dessa fronteira com a rua Tenente Roma. Daí, segue a leste até o ponto **D**, definido pelo cruzamento das ruas Tenente Roma e Capitão Olavo. Segue por esta a sul até o ponto **E**, definido pelo cruzamento das ruas Capitão Olavo e Capitão Clóvis Maia. Por esta, segue a oeste até o ponto **F**, definido pelo cruzamento de linha imaginária traçada no eixo da rua Capitão Clóvis Maia com o muro divisório leste da Base Aérea de Fortaleza. Daí, segue a norte por este até o ponto inicial.



- Edificação tombada
- Polígono de entorno

# **LEVANTAMENTO GRÁFICO DO IMÓVEL**

# **EVANTAMENTO FOTOGRÁFICO DO IMÓVEL**

## ENTORNO IMEDIATO DO MERCADO



INTERIOR E EXTERIOR DO MERCADO











## **BIBLIOGRAFIA**

- AZEVEDO, Miguel Ângelo de (Nirez). *Cronologia Ilustrada de Fortaleza: roteiro para um turismo histórico e cultural*. Fortaleza: Casa José de Alencar/Programa Editorial; Banco do Nordeste, 2001.
- AZEVEDO, Miguel Ângelo de (Nirez). *Fortaleza, ontem e hoje*. Fortaleza: PMF, Fundação de Cultura e Turismo de Fortaleza, 1991.
- CAPELO FILHO, José. *Mercado de Ferro: Notas sobre a Restauração do Mercado dos Pinhões*. Fortaleza: Oficina de Projetos S/C Ltda, Junho/2003.
- CASTRO, José Liberal de. *Arquitetura Eclética no Ceará*, in *Eclétismo na Arquitetura Brasileira*. AnnaTeresa Fabris, org. São Paulo: Nobel Edusp, 1987.
- GIRÃO, Raimundo. *Geografia Estética de Fortaleza*. Fortaleza: BNB, 1985.
- HARDMANN, Francisco Foot. *Trem Fantasma: a Modernidade na selva*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- LEITÃO, Cláudia Souza. *Memória da Construção Civil no Ceará*. Fortaleza: Sindicato da Construção Civil, 2002.
- PONTE, Sebastião Rogério. *Fortaleza Belle Époque. Reformas Urbanas e Controle Social. 1860-1930*. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1993.
- SILVA, Geraldo Gomes da. *Arquitetura do Ferro no Brasil*. São Paulo: Nobel, 1988.
- SOUZA, Simone de. *Uma Nova História do Ceará*. Fortaleza: Ed. Demócrito Rocha, 2000.

## **FONTES**

### Arquivo Jornal O Povo

Jornal *O Povo*, Fortaleza-Ce, 24/01/1997.

Jornal *O Povo*, Fortaleza-Ce, 12/12/1987.

Jornal *O Povo*, Fortaleza-Ce, 24/08/1989.

### Biblioteca Pública Gov. Menezes Pimentel

- Setor de Periódicos e Microfilmes

Jornal *A República* (1896-1912), Fortaleza-Ce, 19 de Abril de 1897.  
Jornal *Tribuna do Ceará*, Fortaleza-Ce, 05/10/1988.  
Jornal *Diário do Nordeste*, Fortaleza-Ce, 04/04/1997.  
Jornal *Diário do Nordeste*, Fortaleza-Ce, 07/05/2000.  
Jornal *Diário do Nordeste*, Fortaleza-Ce, 28/01/2001.  
Jornal *Diário do Nordeste*, Fortaleza-Ce, 02/06/2003.

-Setor de Obras Raras

Leis Provinciais de Fortaleza, 1879.

Instituto do Ceará

NOGUEIRA, João. "Cidade de Fortaleza". *Revista do Instituto do Ceará*. Fortaleza: Ed. Instituto do Ceará, Tomo 56, p.147-152, 1942.

CASTRO, José Liberal de. "Arquitetura do Ferro no Ceará". *Revista do Instituto do Ceará*. Fortaleza: Ed. Instituto do Ceará, p.63-94, 1992.

## **FICHA TÉCNICA**

**Cooperação Técnica Prefeitura Municipal de Fortaleza / 4ª SR/IPHAN /  
Universidade Federal do Ceará**

**Inventário da arquitetura de interesse de preservação de Fortaleza**

**Coordenação**

Profª Dra. Ivone Cordeiro – FUNCET/PMF  
Profª Arqta. Ms. Margarida Andrade – Pesquisadora bolsista - CAU UFC  
Profª Dra. Meize Lucas - Pesquisadora bolsista - CHUFC  
Historiadora Ms. Ana Carla Sabino Fernandes – Pesquisadora bolsista  
Arqta. Ms. Beatriz Helena Diógenes – Pesquisadora bolsista

**Consultoria**

Prof. Arq. Ms. Romeu Duarte Junior – 4ª SR/IPHAN

**Estagiários**

Frederico Teixeira (CAU UFC)  
Gerson Amaral (CAU UFC)  
Lara de Alencar Fernandes (CAU UFC)  
Lara Silva Lima (CAU UFC)  
Marília Monteiro (CAU UFC)  
Marina Lima Medeiros (CAU UFC)  
Natália Silva Matos (CAU UFC)  
Ramiro Teles (CAU UFC)  
Vítor Batista (CAU UFC)  
Flávia Regina Oliveira Ramos (CHUFC)  
Jorge Henrique Maia Sampaio (CHUFC)  
Sara Braga Brígido Bezerra (CHUFC)

**Equipe responsável pela elaboração da instrução de tombamento:**

Coordenação: Profº Arq. Ms. Romeu Duarte Junior / Hist. Ms. Ana Carla Sabino Fernandes  
Textos: Profº Arq. Ms. Romeu Duarte Junior / Estagiários Lara Fernandes, Marília Monteiro e Natália Matos  
Pesquisa histórica: Hist. Ms. Ana Carla Sabino Fernandes / Estagiários: Flávia Regina Oliveira Ramos, Jorge Henrique Maia Sampaio e Sara Braga Brígido Bezerra  
Fotografias: Natália Matos  
Levantamento Gráfico / Desenhos / Revisão: Lara Fernandes, Marília Monteiro e Natália Matos  
Diagramação: Lara Fernandes, Marília Monteiro e Natália Matos  
Revisão: Profº Arq. Ms. Romeu Duarte Junior

